

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – UFPR

ANA CAROLINA KEIL

**CAMINHOS ESTÉTICO-POLÍTICOS NA BRIGADA DE AGITAÇÃO E
PROPAGANDA CARLOS MARIGHELLA: UM SAMBA ENREDO EM FORMA DE
ENSAIO**

CURITIBA

2023

ANA CAROLINA KEIL

**CAMINHOS ESTÉTICO-POLÍTICOS NA BRIGADA DE AGITAÇÃO E
PROPAGANDA CARLOS MARIGHELLA: UM SAMBA ENREDO EM FORMA DE
ENSAIO**

Trabalho apresentado no curso de pós graduação em Educação do Campo e Realidade Brasileira a partir de seus pensadores da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Orientador: Dr. Ricardo Prestes Pazello

CURITIBA

2023



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR LITORAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO DO CAMPO E A
REALIDADE BRASILEIRA A PARTIR DE SEUS
PENSADORES - 40001016329E1

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação EDUCAÇÃO DO CAMPO E A REALIDADE BRASILEIRA A PARTIR DE SEUS PENSADORES da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Monografia de Especialização de **ANA CAROLINA KEIL**, intitulada: **CAMINHOS ESTÉTICO-POLÍTICOS NA BRIGADA DE AGITAÇÃO E PROPAGANDA CARLOS MARIGHELLA: UM SAMBA ENREDO EM FORMA DE ENSAIO**, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua **APROVAÇÃO**, com conceito **APL** no rito de defesa. A outorga do título de especialista está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

MATINHOS, 01 de Dezembro de 2023.

Documento assinado digitalmente
 **RICARDO PRESTES PAZELLO**
Data: 28/12/2023 11:36:02-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

RICARDO PRESTES PAZELLO
Presidente da Banca Examinadora

MARIANE SUZZE PEREIRA
Avaliador Externo (UFPR)

Documento assinado digitalmente
 **MARIANE SUZZE PEREIRA**
Data: 29/12/2023 09:12:16-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

ANDREA FRANCINE BATISTA
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Documento assinado digitalmente
 **ANDREA FRANCINE BATISTA**
Data: 28/12/2023 10:55:51-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Endereço: Rua Jaguariaíva, 512 - MATINHOS - Paraná - Brasil
CEP 83260-000

RESUMO

O presente artigo busca refletir sobre as influências da formação social brasileira no uso das ferramentas estético-políticas na Brigada de Agitação e Propaganda Carlos Marighella durante as eleições presidenciais de 2022. Através do método materialista histórico, elaborado por Karl Marx e Friedrich Engels, compreendemos que a Agitação e Propaganda no Brasil se dá pelas influências soviética e latino-americana. Além disso, caracteriza-se de forma subjetiva em função do processo de formação social brasileiro, sobretudo, no modo como os povos oprimidos e explorados se organizaram: seja através do samba, do funk ou das alegorias visuais.

Palavras-chave: Agitação e Propaganda; Movimentos Sociais; Estético-Político; Brasil

RESUMEN

Este artículo busca reflexionar sobre las influencias de la formación social brasileña en el uso de herramientas estético-políticas en la Brigada de Agitación y Propaganda Carlos Marighella durante las elecciones presidenciales de 2022. A través del método materialista histórico, elaborado por Karl Marx y Friedrich Engels, entendemos que La Agitación y Propaganda en Brasil se debe a influencias soviéticas y latinoamericanas. Además, se caracteriza de manera subjetiva según el proceso de formación social brasileño, sobre todo, en la forma en que los pueblos oprimidos y explotados se organizaron: ya sea a través de la samba, el funk o las alegorías visuales.

Palabras clave: Agitación y Propaganda; Movimientos sociales; Estético-Político; Brasil

ABSTRACT

This article seeks to reflect on the influences of Brazilian social formation on the use of aesthetic-political tools in the Carlos Marighella Agitation and Propaganda Brigade during the 2022 presidential elections. Through the historical materialist method, elaborated by Karl Marx and Friedrich Engels, we understand that The Agitation and Propaganda in Brazil is due to Soviet and Latin American influences. Furthermore, it is characterized in a subjective way according to the process of Brazilian social formation, above all, in the way in which oppressed and exploited people organized themselves: whether through samba, funk or visual allegories.

Keywords: Agitation and Propaganda; Social movements; Aesthetic-Political; Brazil

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	3
2. COMISSÃO DE FRENTE: PUNHO ERGUIDO PELA IGUALDADE.....	5
3. ABRE ALAS: SAMBA MEUS ANCESTRAIS.....	9
4. ALA: PELA MÁTRIA SOBERANA, EIS O POVO NO PODER. SÃO MARIAS E JOANAS, OS BRASIS QUE EU QUERO VER.....	12
5. CARRO ALEGÓRICO: A MINHA ESCOLA DÁ UM SALTO PRO FUTURO E VEM PRA GUERRA DE CANETA NA MÃO.....	16
6. CARRO ALEGÓRICO: DESDE 1500 TEM MAIS INVASÃO DO QUE DESCOBRIMENTO.....	20
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
8. REFERÊNCIAS.....	24

1. INTRODUÇÃO

A Brigada de Agitação e Propaganda Carlos Marighella foi uma ferramenta utilizada pela juventude do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, pelo Levante Popular da Juventude, pelo Movimento Popular por Moradia e pelo Núcleo Periférico durante as eleições presidenciais de 2022, das quais os principais candidatos foram Jair Messias Bolsonaro (PL) e Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

A autoria do texto foi realizada por uma das brigadistas, militante do Levante Popular da Juventude, no entanto, as elaborações se deram de modo coletivo ao longo da construção da Brigada e anotadas em um diário de campo, por isso a escrita estará na primeira pessoa do plural. Deste modo, este trabalho se trata de uma pesquisa-militante, que nada mais é do que a combinação entre teoria crítica, ações e articulações no campo das lutas sociais, desafiando tanto pesquisadores quanto militantes a serem sujeitos ativos no processo de transformação estrutural da sociedade (JAUMONT, VARELLA, 2016, p.431).

O sociólogo Ruy Mauro Marini, em uma entrevista de 1973, expõe que as forças sociais universitárias compromissadas com a mudança devem criticar o sistema capitalista, ao mesmo tempo em que devem contribuir, de maneira ativa, na construção de ações políticas revolucionárias (JAUMONT, VARELLA, 2016, p.432). E é desafiada pelas elaborações destes militantes e intelectuais latino-americanos, que nos colocamos a sistematizar as nossas práticas em uma conjuntura eleitoral acirrada de polos apostos.

As análises se darão pelo método materialista histórico elaborado por Karl Marx e Friedrich Engels, em que o termo “materialismo” diz respeito à condição material da existência humana, o termo “histórico” revela a compreensão de que a existência do ser humano é condicionada historicamente, em que ambos se expressam dialeticamente enquanto movimento da contradição produzida na própria história. Para Marx, o motor da história é dado a partir da luta de classes em que o proletariado é a classe desprovida de todos os bens materiais e de toda satisfação de suas necessidades, sendo assim possível protagonista de uma revolução que pode pôr fim à exploração à qual está submetida dentro da estrutura da sociedade capitalista (MARX, 2002, p. 171).

O objeto analisado aqui será a Brigada de Agitação e Propaganda Carlos Marighella, que ocorreu do mês de agosto ao mês de outubro de 2022, durante as eleições presidenciais. As Brigadas foram historicamente muito utilizadas por grupos militares com motivos bélicos, mas ao longo da história, com a ascensão da União das Repúblicas Soviéticas Socialistas (URSS), para sustentar a revolução socialista, organizando trabalhadores urbanos, camponeses e soldados, eram feitas duplas de brigadas de agitadores e propagandistas. Lenin, em sua obra *Que Fazer?* de 1902, fazendo referência ao marxista russo Plekhanov chegou a definir agitação como uma ideia que é inculcada em muitas pessoas e propaganda como “muitas ideias que são trabalhadas para poucas pessoas” (LENIN, 1978, p.20).

A Brigada, durante as eleições de 2022, foi organizada em uma ocupação urbana, território ligado ao Movimento Popular por Moradia, na cidade de Campo Magro, região metropolitana de Curitiba. Com o acirramento da disputa política, e até mesmo da violência política sofrida por militantes de esquerda no Paraná, avançamos para a capital paranaense, no Centro de Educação e Formação Irmão Araujo (Cefuria).

Todos os dias íamos aos terminais de ônibus distribuir jornal com *clown*, todas as sextas e sábados desfilávamos no calçadão central com a bateria embalada no samba, no *funk*. Aos domingos desfilávamos nas periferias, com um grupo de artistas cênicos da cidade. As mensagens políticas giravam em torno de: Brasil da esperança, comida para todos/as, transporte público, Lula presidente, arte e cultura pra geral, a saída é a organização do povo, povo no poder, entre outras.

Compreendemos que as Brigadas de Agitação e Propaganda eram, naquele momento, uma das formas de disputarmos os corações e mentes da sociedade, para que iniciássemos, por ocasião da eleição presidencial, um processo que infligisse derrota ao bolsonarismo e, sobretudo, de organização popular por uma sociedade socialista.

O contexto em que se instaura a Brigada Carlos Marighella vem de uma sequência de derrotas da esquerda brasileira dada pelas *revoluções coloridas*, planejadas com o uso de ferramentas de propaganda e estudos psicológicos combinados com redes sociais, o que desestabilizou o segundo governo de Dilma Roussef, entre 2015 e 2016, através de manifestações de massa em nome de uma reivindicação abstrata: corrupção.

Essas manifestações de massas criaram identidades comuns, como as camisetas verde-e-amarelas, as bandeiras do Brasil, o pato de plástico, o terror ao modo de se relacionar dissidente da norma heterossexual, que foram utilizadas mais tarde pelo ex-presidente Jair Bolsonaro, eleito em 2018 e derrotado com uma margem de desvantagem muito pequena em 2022 por Luiz Inácio Lula da Silva.

A estética artística utilizada com objetivos políticos pela Brigada de Agitação e Propaganda Carlos Marighella correspondia a uma conjuntura de avanço na tecnologia de propaganda ideológica, tanto pelas redes sociais quanto pela mídia burguesa fomentada pelos Estados Unidos da América (EUA). Deste modo, decidimos disputar, na batalha das ideias e das emoções, uma concepção de sociedade que fizesse contraponto ao fascismo conservador de Bolsonaro, ao mesmo tempo que anunciasse uma sociedade de novos valores e princípios, cuja solidariedade, companheirismo e dignidade de trabalhadores e trabalhadoras estivessem no centro e, para isso, seria necessário dar o primeiro passo: derrotar Jair Messias Bolsonaro nas urnas.

Este ensaio reflexivo buscou sistematizar o processo de construção dialético de uma Brigada que acontece no movimento da realidade, que se altera e precisa constantemente ser repensado, avaliado e reconstruído. Além disso, buscamos compreender quais outros aspectos interferem no modo como o Brasil constrói suas ferramentas de agitação e propaganda, dado que somos influenciados por outras experiências históricas, mas construímos características subjetivas que muito têm a ver com a formação social de um país capitalista periférico.

O ensaio foi organizado em forma de desfile de uma escola de samba, modo pelo qual buscávamos organizar a ordem de nossas alegorias e bateria durante os desfiles nas ruas de Curitiba. Esperamos que a leitura seja sincopada e rítmica assim como a Brigada que embalou o povo curitibano nos dias de tensão, estranhamento, mas também de esperança de um outro mundo possível.

2. COMISSÃO DE FRENTE: PUNHO ERGUIDO PELA IGUALDADE

Como de costume era um dia de chuva em Curitiba, primeira semana do mês de agosto. Levante Popular da Juventude, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, Movimento Popular por Moradia e Núcleo Periférico se reuniam na sede do Partido dos Trabalhadores (PT) Estadual tendo definido a tarefa da juventude de

nosso tempo: derrotar o neofascismo. Embora soubéssemos que derrotar Bolsonaro nas urnas era insuficiente para acabar com o neofascismo nas ruas, entendíamos que aquele deveria ser nosso primeiro passo.

O neofascismo no Brasil, segundo Armando Boito Jr. (2019, p. 2), é uma forma de Estado capitalista em que são possíveis diferentes configurações de hierarquias e frações de classe, sendo conjugada a um movimento social, com alinhamento ideológico e base social, cujo objetivo é implementar tanto uma forma de Estado quanto um *modus operandi* de um movimento de massas que legitime ações de características autoritárias.

Se, durante as décadas de 1920 e 1930, a ditadura fascista cumpria um papel nos Estados imperialistas de organizar a hegemonia política do capital monopolista, em países capitalistas dependentes, no século XXI, para Boito Jr (2019, p. 2) a ditadura neofascista serve para organizar a hegemonia política do capital internacional, principalmente o estadunidense.

Como todo espaço de juventude, havia naquela sala uma tempestade de ideias, a mistura de diferentes instrumentos, de diferentes melodias, que com um bom mestre de bateria conseguiriam escrever um samba-enredo sincopado e, ao mesmo tempo, coletivo e coeso.

A primeira estrofe de nosso enredo trazia como saída para disputar as ideias, na sociedade, a construção de uma Brigada de Agitação e Propaganda, que teve como base organizativa o tripé organização-formação-luta. Aquele era momento de disputar as ideias em face da burguesia, apresentando um projeto de sociedade soberano, participativo e radicalmente popular

Esse projeto de sociedade tem como fundamento o Projeto Popular para o Brasil, atualizado e distribuído de forma massiva durante as eleições em forma de cartilha, com o nome *Projeto Brasil Popular*, cuja finalidade era instigar o debate nas comunidades de trabalho de base dos movimentos sociais, comitês populares, sindicatos, partidos, organizações políticas etc. (BRASIL POPULAR, 2022). O outro material, com o debate mais aprofundado foi publicado pela Editora Expressão Popular, intitulado como *A crise brasileira e o projeto popular para o Brasil* (PAGOTTO, 2022), escrito por militantes do Levante Popular da Juventude, do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, do Movimento das Trabalhadoras e Trabalhadores por Direitos e pelo recém criado Movimento Brasil Popular.

As Brigadas são ferramentas militares que, ao longo da história, foram sendo instrumentalizadas por movimentos populares, não com objetivos bélicos, pois nossa batalha perpassava e ainda perpassa pelas questões estéticas que marcam o imaginário de uma sociedade, a condicionando a determinadas ações. Portanto, ao falarmos desta disputa ideológica que está em todas as esquinas, nos referiremos aos aspectos estético-políticos que produzem e influenciam comportamentos sociais.

No dia 11 de agosto de 2022 pegamos nossos instrumentos, nossas tintas, vestimos nossas fantasias e demos início à Brigada de Agitação e Propaganda Carlos Marighella. O nome foi em homenagem ao jovem militante, poeta e guerrilheiro, que dentro do Partido Comunista Brasileiro formou um bloco de Carnaval em meados da década de 1940, vinculando ferramentas artísticas com política (Cf. MAGALHÃES, 2012).

A sede da Brigada foi a ocupação urbana Nova Esperança, localizada na cidade de Campo Magro, cerca de 15km da capital do estado do Paraná, Curitiba. A ocupação fica localizada em uma área pública a poucos metros da Prefeitura de Campo Magro e que, por cerca de 12 anos, esteve abandonada.

De acordo com artigo escrito para o *Jornal Brasil de Fato Paraná*, pelo Coletivo Terra Sem Males, em março de 2020, logo no início oficial da pandemia do novo coronavírus, 400 famílias, diante das dificuldades do desemprego, de manter despesas com aluguel em Curitiba e passando por dificuldades para botar comida na mesa e na boca dos filhos, ocuparam essa área abandonada. Hoje são mais de 1.200 famílias vivendo no local (TAVARES, 2020).

A fonte de renda e de sobrevivência da comunidade é o cultivo de uma horta comunitária e o trabalho de coleta e separação de materiais recicláveis, padaria comunitária e tijolos de isopor com auxílio técnico da UFPR (Ibidem, 2020).

Das quase cinco mil pessoas residentes na área ocupada, mais de 1,6 mil são crianças e mais de 1,7 mil são migrantes haitianos, que se somam aos brasileiros, venezuelanos e cubanos que vivem por lá. Há ainda uma escola de reforço para ensinar o português, buscando possibilitar a inserção dessas pessoas no mercado e também na Escola regular (Ibidem, 2020).

Nós, da Brigada, ficamos nessa área durante aproximadamente 20 dias (do dia 11 a 31 de agosto), produzindo materiais, ensaiando a bateria e dialogando com moradores e moradoras por meio da arte, com batucadas e estandartes, envolvendo crianças, jovens e adultos da comunidade.

Depois disso, mudamos nossa Brigada para o Cefuria, espaço que nasceu em agosto de 1981, no contexto do fim da ditadura militar, quando movimentos populares e sindicais viviam uma retomada da organização e das lutas (Cf. SOUZA, 2006). As Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), inspiradas na Teologia da Libertação, foram o berço para a criação do Cefuria. Não por acaso, o planejamento e a criação do Centro de Formação partiu de integrantes de pastorais sociais, militantes políticos e líderes comunitários. O espaço carrega no nome uma homenagem à Irmã Araújo, lutadora que dedicou a vida à organização da população empobrecida na região sul de Curitiba. Atualmente continua sendo um espaço dos movimentos populares, com alojamento, cozinha, espaços para reuniões, distribuição de marmitas do MST, entre outros.

Fizemos este giro de local ao identificar que naquele momento nossas alegorias, fantasias e palhaçarias/*clown* teriam um impacto e atingiriam um número maior de trabalhadoras e trabalhadores na capital, polo político e econômico do Paraná, onde se concentra o maior colégio eleitoral do estado. Assim, passamos a ir aos terminais centrais nos horários em que trabalhadores/as estavam indo ou voltando do trabalho, distribuindo exemplares do jornal *Brasil de Fato* com pintura facial *clown*, com teatros de rua, ensaios abertos de batucada, CarnaLula (desfiles com bateria de escola de samba, alegorias e fantasias, aos sábados e domingos no centro da cidade ou em periferias), Sextou com Lula (toda sexta-feira, na avenida central da cidade panfletávamos e tocávamos samba e/ou funk em marcha da Esquina da Democracia à Boca Maldita), rodas de samba nas feiras aos domingos, estêncil, PedaLula (grupos de pessoas com bicicleta, durante a noite, pedalavam por diferentes regiões da cidade com bandeiras penduradas), entre outras ferramentas de agitação e propaganda.

Embora algumas destas ferramentas já tenham sido usadas por Brigadas anteriores, muitas passaram por um processo criativo de debate e avaliação interna ao longo dos três meses, nos convocando a criar novas tecnologias artísticas com capacidade de fazer um debate político para fora, com a sociedade, correspondendo e respondendo às questões atuais da conjuntura.

Historicamente, as Brigadas foram construídas pela juventude e, no contexto paranaense das eleições de 2022, isso não foi diferente. Ao longo de três meses, com a juventude de punho erguido exigindo igualdade, lutamos por uma pátria soberana,

pelo povo no poder, e conseguimos uma vitória apertada para Luiz Inácio Lula da Silva. No entanto, como avaliação ao final da Brigada de Agitação e Propaganda, só transformaremos esse “Brasil acorrentado ao Brasil que não se cala” – como canta a escola de samba Beija-Flor em seu samba enredo “Empretecendo o pensamento é ouvir a voz da Beija-Flor” de 2022, composto por Diego Rosa, Manolo, Julio Assis, Beto Nega, Leo do Piso, J. Velloso –, com organização popular e, para isso, será necessário muito trabalho de base e educação popular das organizações políticas.

3. ABRE ALAS: SAMBAM MEUS ANCESTRAIS

A maioria das e dos militantes que construíram a Brigada de Agitação e Propaganda Carlos Marighella já havia construído outras Brigadas, ou em alguma medida já havia tido contato com o debate teórico ou prático sobre Agitação e Propaganda.

Deste modo, nossa prática não passou por um momento programático teórico em que estudávamos a história da agitação e propaganda para, a partir daí, ir para a prática, o processo formativo foi se tornando dinâmico e até mesmo dialético no fazer das e dos brigadistas. As discussões se davam no fazer, na célula ritmada do pandeiro, quase que batendo sozinha, quando refletíamos e fazíamos pausas para conversar sobre como tudo o que fazíamos era resultado de revolucionários e revolucionárias que nos antecederam.

Outro motivo que fez com que não iniciássemos a Brigada com a teoria introdutória acerca da Agitação e Propaganda se deve a uma convergência teórica e prática entre Levante Popular da Juventude e Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Isso ocorre porque, além de ambos construírem o Projeto Popular para o Brasil, foi o MST, junto a outros movimentos sociais e organizações populares brasileiros que compõem a Via Campesina, que fermentaram a massa na construção do Levante Popular da Juventude, na favela da Cruzeiro, no Rio Grande do Sul em 2005.

Assim como o Levante tem suas raízes, o samba também tem raízes, a batucada tem suas raízes, os estandartes têm suas raízes, os teatros de rua têm suas raízes, os carnavais têm suas raízes... E era a isso que nossas reflexões comumente chegavam. Nem sempre com afirmações históricas e referenciadas, às vezes só com

divagações que faziam a gente “dar um Google” ou buscar pessoas que entendiam do assunto para facilitar o tema na semana seguinte.

Como dois movimentos sociais influenciados pelo marxismo (SLÉDILE;; FERNANDES, 2005; LIMA, 2017), portanto baseados no materialismo histórico, partimos da compreensão de que tudo que se tem é fruto da dialética da história que se constitui e transforma a partir do modo de produção e as forças em tensão, de tese e antítese. Deste modo, o que construímos hoje é efeito do tempo presente, mas, sobretudo, carregado de memórias e efeitos do passado. Em nosso caso, um passado de luta e resistência da classe trabalhadora brasileira, latino-americana e internacional (sendo paradigmática, a soviética).

As ferramentas fomentadas e construídas pela Brigada de Agitação e Propaganda Carlos Marighella foram os teatros de rua, a batucada popular, os estandartes, os pirulitos, as alegorias e outros mais... E é pensando na história dessas ferramentas artísticas que queremos refletir sobre essas linguagens de agitação e propaganda e sua relação com o modo como se deu a formação social brasileira.

Muito do que se tem hoje como teatro de rua no Brasil se insere no bojo contextual da América Latina, sobretudo dos anos de 1980, que foram de transição democrática, pós-ditaduras militares, como forma de apropriação do espaço urbano. Essas experiências latino-americanas de teatro militante, sobretudo brasileiras, foram fortemente influenciadas pelos escritos de Augusto Boal, Bertolt Brecht e as propostas e realizações dos Centros Populares de Cultura da União Nacional dos Estudantes (CPC-UNE) (CARREIRA, 2006, p. 92).

Para Augusto Boal (1991), ao resgatar o modo como o teatro ocorria no seu início, este se tratava de arte com pessoas livres, com cantos livres. Teatro era festa e carnaval! No entanto, no processo de consolidação do modo de produção capitalista, as classes dominantes foram se apropriando e reestruturando o modo como ocorria e quem deveria ter acesso. É neste momento que são divididos os atores dos espectadores, aqueles que fazem e aqueles que observam.

No auge da contradição, Boal aponta para uma saída que seria, para ele, “um ensaio da revolução”, ou seja, com o objetivo de eliminar a propriedade privada dos personagens, o intelectual e militante brasileiro tirava o espectador de seu lugar passivo e atribuía a ele o poder de transformação da ação dramática de modo que fosse ele o próprio ator (BOAL, 1991, p. 137).

Deste modo, com inspiração nessas ideias, ocupamos o calçadão do centro de Curitiba pela Brigada de Agitação e Propaganda Carlos Marighella, com a proposta de compartilhar com o povo os “meios de produção teatral”, para que utilizasse à sua maneira e para seus fins, podendo interferir no roteiro dos personagens.

Influenciados ainda pelas experiências do CPC da UNE, nosso objetivo transversal diante de qualquer ação teatral era a conscientização junto às massas populares acerca da conjuntura que vivíamos frente ao neofascismo do então presidente Jair Bolsonaro.

O CPC da UNE, em seu surgimento teve como membro fundamental Oduvaldo Vianna Filho que, em constante diálogo com Carlos Estevam, construiu fundamentos iniciais sobre o Centro voltados para 1) promover atividades culturais nos setores teatrais, musicais, artes plásticas etc.; e 2) elevar o nível de consciência da classe trabalhadora. Ali, segundo os idealizadores do Centro Popular de Cultura, o objetivo era educar. Não importava o conteúdo e a forma de comunicação com o público, nem como expressão artística carregada de técnicas. O centro da questão era passar uma mensagem política direta e clara, denunciando a conjuntura ditatorial instaurada em 1964 (PEIXOTO, 1989, p. 13).

Essa ideia apresentada de que não importa a técnica e expressão artística, e sim a capacidade de dialogar com as massas, organizou as diferentes ações da Brigada em Curitiba. Aos domingos de manhã, na Feira do Largo da Ordem, íamos tocar em roda de samba. Não tem brasileiro que resista ao samba. Nos sábados construíamos os “CarnaLula”, como síntese da cultura popular brasileira. Desfilávamos com nossas alegorias, bateria de samba e “pirulitos” nas periferias da cidade. Aqui, gostaríamos de destacar o desfile com o Bloco Afro Pretinhosidade, na Vila Torres, ou melhor, na famosa Vila Capanema, a última favela da região central de Curitiba.

Resgatar essa memória do desfile carrega a história do samba curitibano, sobretudo do povo negro e trabalhador de um dos estados mais brancos demograficamente do Brasil.

O berço do samba de Curitiba é uma área que homenageia o Barão de Capanema, proprietário de toda aquela terra no século XIX. Mais tarde, no início do século XX, as terras de Capanema passam a receber o nome da família Tassi, que se tornaria uma das novas proprietárias do terreno. Ali morava a classe trabalhadora de Curitiba, especialmente ligada à rede ferroviária. É nesse conglomerado de

trabalhadores de diferentes regiões do Brasil que nasce a primeira Escola de Samba da cidade, a “Colorado” (PAZELLO, 2023).

Com a industrialização da capital paranaense, já no governo de Getúlio Vargas, a região renomeia-se como Capanema. Em 1976, um despejo ocorre (não fora o primeiro) e, na década de 1980, a urbanização de uma de suas partes limítrofes, às margens do Rio Belém é ocupada, onde hoje fica a Vila Torres. Com despejo e reconstrução, com cada batida de martelo em prego levantando barraco, a batida do pandeiro simultaneamente ecoava. A comunidade que abriga o Bloco Afro Pretinhosidade nunca deixou de construir luta e sociabilidade através do samba.

Enquanto a Brigada de Agitação e Propaganda, ao lado do Bloco e de artistas cênicos da cidade, passava pelas quebradas, juntavam-se os moradores e moradoras em sua maioria com o samba no pé em meio à aglomeração. Às vezes um ou outro pegava o microfone e dizia sobre suas indignações, sobre a dificuldade de trabalhar e sobre a falta de assistência em saúde. Ao mesmo tempo havia aqueles que xingavam e nos ameaçavam por estarmos ali. Mas ainda assim seguíamos, cada vez maiores, virando uma e outra esquina esburacada pouco assistida pelo poder público. Ali a comunidade se transformava em atriz e ensaiava uma revolta que se desdobraria na derrota do fascismo nas urnas.

O CarnaLula na Vila Torres era como um ensaio de desfile das escolas de samba cariocas, como se todo mundo já soubesse a letra das músicas na ponta da língua, resgatavam mesmo que inconscientemente o que aquela terra viveu no tempo de Maé Cuica, Ismael Cordeiro da Silva, o fundador da Colorado. Ali, na Vila Torres sambavam os moradores, mas sambavam ainda os ancestrais, sambavam pelos carnavais.

4. ALA: PELA MÁTRIA SOBERANA, EIS O POVO NO PODER, SÃO MARIAS E JOANAS, OS BRASIS QUE EU QUERO VER.

Quando se fala de países latino-americanos, ou seja, países de capitalismo periférico dependente, o front da ala é a grande águia norte-americana que tem suas asas cobrindo o sol que ilumina nossos países. O que queremos dizer aqui é que, para compreender o contexto pelo qual se dá a construção de nossa Brigada de

Agitação e Propaganda e o sentido que ela assume em uma conjuntura, deve ser analisada a perspectiva de que há uma influência direta do imperialismo estadunidense em nosso continente.

No século XXI, os EUA, que de unido tem apenas a si mesmo, ao se deparar com governos não alinhados à sua política, vem assumindo uma tática político-militar para substituí-los, interferindo indiretamente no processo democrático dos países que não estão no centro econômico global. Se no século XIX eles invadiam militarmente os outros países ou apoiavam golpes e ditaduras militares em toda a América Latina, no novo milênio e com a nova configuração geopolítica exigiu-se deles criatividade com novos modelos de guerra, com operações indiretas para troca de regime, que são muito mais econômicos e menos sensíveis do ponto de vista político (KORYBKO, 2018, p. 71).

Neste novo modelo de guerra, as *revoluções coloridas*, planejadas com antecedência através do uso de ferramentas de propaganda e estudos psicológicos combinados com redes sociais, consistem basicamente em desestabilizar governos por meio de manifestações de massa em nome de reivindicações abstratas como democracia, liberdade e, no caso do Brasil, corrupção.

O tema do combate à corrupção associado diretamente à defesa da democracia é perfeito no papel narrativo que se deve cumprir na revolução colorida, visto que ninguém se dirá favorável à corrupção (PENIDO; STÉDILE, 2020, p. 69).

Portanto, para compreender como chegamos às eleições presidenciais de 2022, importa-nos voltar algumas casas e identificar como o imperialismo estadunidense opera em nosso país. A subordinação das elites brasileiras aos EUA se aprofunda após a Segunda Guerra Mundial, com uma política anticomunista, em que já havia um aparato civil e paraestatal montado pelo general Golbery do Couto e Silva para a batalha ideológica que contribuiu inclusive à derrubada do governo João Goulart, em 1964.

Também não data da atual política lavajatista o uso de instituições para violar a própria "institucionalidade", como no suicídio de Vargas, a tentativa de negar a posse ao presidente Juscelino Kubitschek, a legitimação do golpe de 1964 pelo Supremo Tribunal Federal, e os posteriores Atos Institucionais, a posse do presidente José Sarney. O ciclo mais recente de institucionalização de práticas que fragilizam as próprias instituições começou com a Ação Penal 470, chamada de "Mensalão" pela imprensa, que empregou o lawfare. (PENIDO; STÉDILE, 2020. p. 116-117)

Ana Penido e Miguel Stédile (2020) avaliam que o processo de desestabilização nacional coincidiu com o final do primeiro mandato de Dilma Rousseff, advindos da crise econômica internacional de 2008. Em 2014, ano em que a ex-presidenta se reelegeu, teve nas urnas a manifestação de um descontentamento significativo da população, o que legitimou uma postura política de impedimento permanente por meio do Legislativo, coordenado pela direita brasileira, que teve como aliados ideológicos os empresários e a imprensa.

Outro carro que toma frente neste grande desfile é o dos *think tanks*, como o Instituto Millenium, que reuniu os principais setores da mídia, do pensamento neoliberal na economia e das grandes empresas em atuação no Brasil nascido no início do século XXI. O Instituto Millenium, assim como o Instituto Mises, o Instituto Liberdade e o Students for Freedom, que deu origem ao Movimento Brasil Livre, são vinculados a uma rede chamada Atlas Network, que atua internacionalmente na organização, na capacitação e no financiamento de movimentos e institutos conservadores, se apresentando a partir da ideia de “nova direita”, vinculada aos irmãos Koch, empresários da área petroleira que financiam ações conservadoras em todo o mundo, como o Tea Party, o movimento de extrema-direita do Partido Republicano estadunidense (SCHIAVON; BRAGHINI, 2020).

No entanto, no Brasil, dado o processo de inconclusão da revolução burguesa, gerando um processo de intolerância de classe por parte da burguesia brasileira e de submissão ao imperialismo (FERNANDES, 2020), o Parlamento é o responsável por abrir o processo de *impeachment*, enquanto o Judiciário cria a Operação Lava Jato, determinando a instabilidade política que tomou conta do cenário em 2016. O processo é endossado por manifestações de ruas com base social essencialmente na classe média, cujo comportamento ideológico é pautado pelo medo da proletarização, por um lado, e pelo desejo da ascensão, por outro. Objetivamente, nesses momentos, esses segmentos intermediários se descobrem como proletários dado o processo de redução da capacidade de consumo de bens ou serviços, empurrando estes setores para projetos conservadores (PENIDO; STÉDILE, 2020).

Outras perspectivas ideológicas construídas nos discursos durante o *impeachment* de Dilma Rousseff foram ideias como de que os governos petistas haviam criado uma luta de classes entre ricos e pobres, quando na verdade a real questão era a síntese do neoliberalismo: a luta deveria ser entre “todos nós pagadores de impostos” contra o “Estado que nos expropria”, referindo-se ao Estado a

concepção de ineficiência da gestão pública, a corrupção e o aumento dos gastos sociais que produz parasitas preguiçosos dependentes de assistencialismos (PENIDO; STÉDILE, 2020, p. 119).

Nesse processo, as redes sociais, sobretudo o Facebook e o Twitter, foram as principais fontes de mobilização. Desde 2013, o Facebook vinha sendo esse laboratório para ação política, no entanto assume seu auge em 2016, por via do disparo massivo de mensagens pró-*impeachment*, aglutinando novos integrantes, mantendo a animosidade e formando um grupo de militantes que construiria uma identidade comum antipetista. Esse momento formou quadros de direita que se mantêm até hoje com ampla capacidade de alinhamento político de uma massa de seguidores formando, em grande parte, a base militante de Jair Bolsonaro, a síntese personalista da “nova direita” brasileira.

As *Fake News* têm, com o golpe de 2016, o contexto favorável para sua introdução na influência da política brasileira. Segundo levantamento do Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas de Acesso à Informação da Universidade de São Paulo (USP), três das cinco reportagens mais compartilhadas por brasileiros no Facebook, durante a semana do *impeachment*, eram falsas (SENRA, 2016). Em 2018, esse método ganharia definitivamente o terreno do YouTube e principalmente do WhatsApp, facilitado pelo “anonimato” no rastreamento das interações que essa ferramenta permite (PENIDO, STÉDILE, 2020, p. 122).

Como nas revoluções coloridas, as manifestações também construíram suas simbologias, como os patos infláveis, as camisetas da seleção brasileira de futebol e as bandeiras do Brasil. Essa identidade visual tem sua continuidade na Campanha de Jair Bolsonaro, eleito em 2018, o qual conseguiu manejar as redes sociais, realizando uma verdadeira operação psicológica através de mensagens comprovadamente falsas, via milícias digitais que, como toda milícia, teve no centro de sua práxis a produção do medo. E, para dar continuidade a uma narrativa de completo alinhamento e subordinação com os EUA, o projeto econômico de Bolsonaro envolveu a proposta de total privatização das empresas estatais; a entrega de recursos naturais, como o petróleo; e de espaços geopolíticos estratégicos, como a Base de Alcântara.

E é nesse contexto de batalha estético-política, de ideias e de imagens, que se anuncia a necessidade de disputar o imaginário e o consciente imagético da sociedade brasileira, com grandes alegorias, com mensagens políticas frequentes e

em todo lugar, seja nas redes sociais, seja nas ruas, levando em consideração que a capacidade da direita se tornava ainda mais forte devido ao fato de ter em suas mãos a máquina pública. Pela matéria soberana, é preciso aprender com nossas inimigas e, sobretudo, aprender com as Marias e Joanas, ou seja, as que antecederam a luta política revolucionária antes de nós, de maneira crítica e criativa, de modo que saibamos responder a disputa ideológica em nosso tempo histórico.

5. CARRO ALEGÓRICO: A MINHA ESCOLA DÁ UM SALTO PRO FUTURO E VEM PRA GUERRA DE CANETA NA MÃO

A agitação e propaganda é um conjunto de métodos, formas e ações que podem ser utilizados como tática de agitação, denúncia e fomento à indignação das classes populares e politização de massas em processos de transformação social, ou seja, através delas pode-se fazer denúncias da exploração e opressão e anúncio de um projeto político e societário. A expressão “agitação e propaganda” foi criada pelos revolucionários russos, para designar as diversas ferramentas utilizadas para fazer agitação de massas e ao mesmo tempo divulgar os projetos políticos da revolução soviética (Coletivos de Comunicação, Cultura e Juventude da Via Campesina, 2007, p. 10).

Agitprop é o termo que sintetiza a expressão “agitação e propaganda”. Esse termo foi disseminado por diversos países, bem como as experiências dos grupos, brigadas ou coletivos de agitadores e propagandistas. A Rússia pré-revolucionária de 1917 era o país de maior extensão territorial do mundo e com alto índice de analfabetismo da classe operária, com o objetivo de organizar os trabalhadores urbanos, camponeses e os soldados, o Partido Bolchevique organizava duplas de brigadistas de agitadores e propagandistas, e um desses militantes foi o marxista russo Plekhanov, que elaborou sobre a prática do partido e sintetizou a concepção de agitação “como uma ideia que é apresentada para muitas pessoas” enquanto a propaganda são “muitas ideias que são trabalhadas para uma quantidade menor de pessoas” (COLETIVO DE COMUNICAÇÃO, CULTURA E JUVENTUDE DA VIA CAMPESINA,, 2007, p. 10).

Com a tomada do poder dos operários em outubro de 1917, o acontecimento da revolução tinha que ser informado por todo o território e era fundamental combater a contrarrevolução. Com estes objetivos, grupos de soldados do exército vermelho,

de estudantes e de artistas se empenharam na invenção, desenvolvimento ou aprimoramento de uma série de técnicas de agitprop, por meio de diferentes linguagens artísticas, sejam elas o cinema, o teatro, a música, o jornalismo, a retórica, as artes plásticas, e outros elementos como o trem de agitprop, que levava em cada vagão uma forma distinta de agitação e propaganda: banda de música, grupo de teatro, equipamento de cinema para exibição e filmagem, militantes para fazer discursos políticos, vagão biblioteca, entre outros.

Cada movimento e organização produziu seus métodos e formas, de acordo com as demandas que se apresentaram ou se apresentam no contexto histórico em que atuaram, ou atuam. Os métodos e formas utilizados se transformam ao longo do tempo na medida em que a conjuntura e as tecnologias se alteram. Nesse sentido, a agitação e propaganda do Levante Popular da Juventude e da juventude do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) teve como marca a batucada popular, em que o ritmo que a juventude sem-terra mais acumulou foi o samba, e para o Levante foi o *funk*, ambos ritmos que têm o fundamento de sua base nos xirês dos orixás. Estas experiências dos dois movimentos caracterizaram a subjetividade da Brigada de Agitação e Propaganda Carlos Marighella no ano de 2022, acrescida pelas ferramentas estéticas como as alegorias, os pirulitos e os grandes estandartes. Entendíamos a batucada como fundamental para chamar a atenção para a mensagem política presente nas alegorias, dos estandartes e pirulitos, levando em consideração que as cidades, sobretudo as mais urbanizadas, são poluídas visualmente com propagandas em torno do consumo de mercadorias.

É importante compreendermos que não há métodos e formas fixas, cada novo momento pode demandar a invenção de novas formas ou a recuperação de métodos antigos. Um exemplo disso pode ser a Aliança de Libertação Nacional (ALN), organização de que Carlos Marighella foi direção política e que resistiu ao regime militar ditatorial instaurado em 1964, lutando contra o imperialismo e as forças armadas. As ações da ALN tinham caráter agitativo e propagandista, embora em seus documentos internos não fossem nomeadas desse modo, a organização subiu em terraços e jogou panfletos sobre a revolução armada, ocupou a Rádio Nacional, filiada da Rede Globo, para convocar a sociedade civil a se juntarem ao grupo, distribuía materiais da revolução durante os assaltos a bancos, entre outras formas (MAGALHÃES, 2012, p. 229). E foi o que ocorreu no processo da Brigada ao longo destes três meses. Decidimos na segunda reunião em não definir previamente tudo

que faríamos ao longo destes meses (KEIL, diário de campo, 2022, p. 3), embora tivéssemos nossos objetivos definidos, a tática utilizada seria construída ao longo do percurso pelos agentes envolvidos. A perspectiva que fundamentou essa decisão foi a experiência da educação popular, de modo que a indicação do que seria estudado e aprendido deveria ser definida pelos e pelas brigadistas envolvidas, bem como as linguagens artísticas utilizadas, a partir da reflexão cotidiana da conjuntura pela qual vivíamos e da avaliação feita pelo coletivo a partir dos acertos e erros.

Nossos objetivos como Brigada, dado o contexto político, eram:

- a) Motivar a classe trabalhadora para se organizar, elevando o nível de consciência das massas;
- b) Estimular a luta social; reativar a noção de luta de classes;
- c) Desgastar a imagem de Jair Bolsonaro, denunciando seu projeto burguês;
- d) Deslegitimar o projeto da elite atacando seus pressupostos ideológicos: a propriedade privada, a concentração de riqueza e sua aliança com Bolsonaro;
- e) Eleger Luiz Inácio Lula da Silva indicando o projeto popular de país que os dois movimentos elaboram desde sua criação (KEIL, diário de campo, 2022, p. 10).

Indicados estes objetivos como estratégicos para o momento político, a partir das experiências de cada sujeito envolvido na Brigada fomos construindo, debatendo e elaborando sobre quais as ferramenta e técnicas poderiam ser utilizadas. Um sabia grafitar, outros sabiam tocar samba na batucada, outros *funk*, havia aqueles que já tinham feito pirulito, mais tarde vieram as pessoas do teatro e das performances (KEIL, diário de campo, p. 33), e assim sucessivamente. Na medida em que alguém conhecia alguma linguagem, se tornava debate. A questão que mais levava tempo era a dúvida: qual a mensagem política que queremos passar?

As respostas foram mudando ao longo do tempo, em alguma medida amadurecendo também. Nossas discussões passavam por refletir: qual imagem queremos marcar no inconsciente das pessoas? Como passar uma mensagem que dialogue também com aquele público antipetista de modo que fale de um projeto e não de um sujeito específico? Como desgastar Bolsonaro sem anunciar seu nome aos quatro ventos e sem impregnar na imagética popular sua imagem? Queríamos que naquele momento o que prevalecesse fosse o projeto de esperança de um país que buscasse superar as desigualdades aprofundadas pelo governo conservador.

E, assim, saímos pelas ruas com nossas alegorias e com nossa batucada.

Figura 01: Comunicação Estadual Levante Popular da Juventude I



Fonte: Disponível em: Instagram @levantep

Mais tarde, debatíamos sobre como nossa tarefa naquele momento não era mais só fazer a batalha das ideias. Após anos de propaganda ideológica de Jair Bolsonaro, realizada de forma massiva, estimulando uma espécie de “pânico moral” à família heteropatriarcal e seus costumes coloniais, entendíamos que era hora de fazermos o que chamamos de “batalha das emoções”.

A linguagem utilizada, tendo sido indicado este problema, foi o teatro de rua, a peça “Homem Bíblia” cujo roteiro passava por enunciar frases violentas de Jair Bolsonaro e responder com trechos bíblicos que pregam a solidariedade, o amor e o desejo de se construir “o céu na terra”, como ensinado pela teologia da libertação. Esse processo se deu a partir de uma oficina de teatro, ofertada por um militante do MST, em que após exercícios teatrais, influenciados pelo pensamento de Augusto Boal, sentamos os brigadistas para construir o roteiro da peça. A experiência aconteceu no calçadão da Rua XV de Novembro, em Curitiba, local em que as pessoas passam com pressa em meio a rotina acelerada do trabalho. Naqueles dias eles paravam e estranhavam aqueles jovens vestidos de pastores entregando “santinhos” e lendo trechos bíblicos que respondiam as mais famosas frases enunciadas por Jair Bolsonaro. Algo interessante a ser percebido, diferente de outras intervenções estético-políticas realizadas pela Brigada de Agitação e Propaganda, nesta não houve nenhuma reação violenta da extrema-direita, nem através da expressão corporal, nem verbal e muito menos física.

No entanto, essas ferramentas estético-políticas não foram utilizadas apenas a partir das condições concretas das experiências dos e das brigadistas, nem só porque eram as que acreditávamos serem as que mais dialogavam com aquela

conjuntura política. O terceiro aspecto, que influencia e atravessa os dois elementos anteriores, é o processo de formação social brasileiro.

6. CARRO ALEGÓRICO: DESDE 1500 TEM MAIS INVASÃO DO QUE DESCOBRIMENTO

As ferramentas estético-políticas conjugadas às linguagens artísticas escolhidas pela Brigada de Agitação e Propaganda Carlos Marighella representam as particularidades da formação social brasileira, destacando a forma de desenvolvimento e consolidação do capitalismo no Brasil, bem como suas estruturas e contradições.

A intencionalidade das ferramentas utilizadas, sobretudo por meio do teatro de rua e dos pirulitos nas marchas e desfiles nas periferias, foi, a partir de uma compreensão da questão social e da questão cultural, denunciar a exploração do trabalho, da habitação, a violência, as questões étnico-culturais, a acumulação de capital em um contexto de crise sistêmica do capitalismo, o cotidiano do trabalhador e suas estratégias de sobrevivência no universo das relações sociais em que está imerso, assim como as letras de samba historicamente trazem (BRAZ, 2013, p. 25).

Essas condições se estabelecem a partir do lugar de dependência econômica desde a colonização de Portugal, em que o Brasil e a América Latina, como um todo, possuem papel fundamental no processo de expansão ultra-marítima da Europa, em um momento de crise mercantil destes países. Desta forma, reorganizaram sua economia por via da exploração dos povos que aqui viviam, bem como dos bens manufaturados produtivos no clima tropical deste continente (RIBEIRO, 1995, p. 32).

Durante a colonização de Portugal no Brasil, forma-se uma protocélula étnica neobrasileira, diferenciada dos portugueses e dos indígenas, se difundindo em diferentes núcleos. Primeiro na costa Atlântica, depois passando para os sertões e interiores ou subindo pelos afluentes dos grandes rios, modelando a vida social e cultural (RIBEIRO, 1995, p. 268).

Darcy Ribeiro (1995, p. 242) diferenciara as configurações histórico culturais em que se dão os povos das Américas, sendo uma os povos testemunho, que são os países etnicamente formados pelos indígenas, como é o caso do Peru, da Bolívia e da Nicarágua, por exemplo; a outra configuração é dos povos transplantados, que são aqueles em que os externos consomem a etnia originária, como é o caso dos

EUA e do Canadá; e, por fim, os povos novos, que são aqueles que operam a interação étnico racial, como o Brasil, a Venezuela, o Haiti, o Equador, Cuba, sendo compostos por africanos, brancos e indígenas.

A interação étnica que constitui nosso país influencia as características estético-políticas brasileiras. Marcelo Braz (2013, p. 57), ao falar do samba - e nós aqui nos referimos a todas as ferramentas utilizadas pela Brigada de Agitação e Propaganda Carlos Marighella -, diz que os estilos e tendências não são separados de seu significado social, sendo antes, uma consequência desenvolvida a partir dele.

O samba e o *funk* que embalou nossa Brigada elucidada como a questão racial é constitutiva da questão social brasileira, bem como sua importância na história e os aspectos formativos (socioeconômicos e socioculturais) dos dois ritmos, de modo a pensá-los não só como gêneros musicais em constantes contatos e recriações, mas também como cultura no seu sentido antropológico, com os sujeitos que a produziram num tempo histórico, em certas condições materiais de existência, numa determinada sociedade em que as condições sociais de sua população se mescla indissociavelmente com a sua negritude. Neste caso, ambos os ritmos, que têm forte influência do xirê dos Orixás são a continuidade do festejo em meio aos oprimidos e explorados (BRAZ, 2013).

Hermano Vianna (1988) sistematiza em seu livro *O mundo funk carioca* o processo de apropriação do funk no Brasil, importado dos bairros negros de Nova York e difundido nos bailes do Rio. O ritmo expressa a desobediência da lógica imperialista dominante, em que a importação da indústria cultural não chegou pelas classes médias paulistas e cariocas, ou pela TV Globo. No Grande Rio, entre os anos 1985 a 1987, eram realizados em torno de setecentos bailes no final de semana, juntando cerca de um milhão de funkeiros, como forma, mesmo que não necessariamente consciente e proposital, de resistir às determinações de consumo cultura da indústria.

Já no caso do samba, com livro escrito pelo mesmo autor e antropólogo, Hermano Vianna, circunscreve em *O mistério do samba* (1995) que o samba é fruto da interação étnica dos povos que vivem no Brasil.

O samba não se transformou em música nacional através de um grupo social ou étnico específico, atuando dentro de um território específico (o "morro"). Muitos grupos e indivíduos (negros, ciganos, baianos, cariocas, intelectuais, políticos, folcloristas, compositores eruditos,

franceses, milionários, poetas – e até mesmo um embaixador norte-americano) participaram, com maior ou menor tenacidade, de sua “fixação” como gênero musical e da sua nacionalização. (VIANNA, 1995)

Portanto, o samba é criação radicalmente coletiva, resultado de várias redes cooperativas, assim como foi nossa Brigada. Hoje, é dentro das organizações populares que tanto o samba quanto o *funk*, retornam ao significado histórico e político que os atabaques e batuques ocupavam no Brasil Colônia, ou seja, hoje esses dois ritmos ocupam um papel importante na auto-organização dos povos nas comunidades, e um exemplo disso, é o Bloco AfroPretinhosidade aqui mencionado, na Vila Torres. Os dois ritmos assumem um papel de resistência, organização e denúncia em um contexto de exploração do capitalismo imperialista, centrado economicamente nos EUA, que vem perdendo sua influência geopolítica. Desta forma, tendente a acentuar seu autoritarismo e violência com países subordinados e dependentes economicamente, frente a sua queda.

Figura 02: Comunicação Estadual Levante Popular da Juventude II



Fonte: Disponível em: Instagram @levantep

Deste modo, o samba e o *funk* no Brasil contam sobre a história e a organização de um povo novo, recriam as expressões artísticas do continente africano e dos povos nativos daqui, em uma mistura – não pacífica e harmoniosa - com portugueses, alemães, italianos, dentre outros europeus pobres. E nós, da Brigada de Agitação e Propaganda Carlos Marighella, demos continuidade à luta do movimento abolicionista, pela verdadeira independência, através da música e da arte.

Seja instrumentalizando ritmos como o *funk*, que vem dos subúrbios norte-americanos, seja através do teatro de rua influenciado pelo intelectual e militante brasileiro Augusto Boal, ou seja através do samba, ritmo especificamente brasileiro construído através da simbiose étnica brasileira.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais são produto de um debate coletivo de avaliação de nossa atuação como Brigada, e é à avaliação que podemos nos referir. Toda ação de agitação e propaganda necessita de uma intencionalidade e um cuidado com a formação, que deve ser planejada e estruturada. Portanto, nestes espaços é central a formação política. Não nos referimos apenas ao tradicional estudo teórico, embora seja importante, mas formação também no sentido das intervenções práticas e os aspectos técnicos das diferentes linguagens artísticas.

Em cada ação avaliada, é preciso refleti-la teoricamente, compreendendo a indissociabilidade que nossas ações devem ter sobre teoria e prática, de modo que internalizemos a práxis nesse processo.

Na conjuntura na qual estamos inseridas a agitprop passa a ter papel central pelos movimentos populares de esquerda, visto que vivemos uma batalha de ideias de níveis pitorescos, em que as milícias não dominam apenas um território físico-geográfico. Hoje lidamos com milícias digitais, articuladas ao Estado brasileiro e ao imperialismo norte-americano. Deste modo, além de disputarmos informação, precisamos disputar as emoções, aspecto muito instrumentalizado pelo fascismo, que produz medo e horror a um país de origens coloniais, cujo conservadorismo patriarcal, racista e capitalista “fundou” o Brasil exatamente nos moldes que temos hoje.

A síntese da avaliação dos/as brigadistas, que dá nome ao título do trabalho no que se refere aos “caminhos estético-políticos”, é a de que nas marchas, nos desfiles, no caminhar do desenvolvimento dos três meses de Brigada, cumprimos um papel político dado que as ações e reflexões foram historicizadas, ou seja, houve a representação estética conjuntural e ancestral na ação dos autores e autoras, seja através da música, das alegorias ou das pedaladas.

Enunciamos esteticamente, a dimensão social de um povo, denunciemos as opressões vividas dando ênfase aos últimos anos, mas sobretudo anunciando formas de libertação, que embora não se findassem com a vitória de Lula, era o início de um

processo de retomada da capacidade de diálogo do povo com o Estado, dado o fato de que o país voltariam a ser “dirigido por alguém que passou fome”, como reivindica Carolina Maria de Jesus (JESUS, 1960, p. 25).

Para Pazzelo (2022), em seu artigo no livro “*Música e política*”, as expressões sociais, neste caso as expressões estéticas, possuem aspectos políticos por tratarem de uma conjuntura histórica, fazendo uso das condições técnicas, e principalmente através do conflito, ou seja, da contradição entre os atores que compuseram a Brigada, os donos dos meios de produção, e no caso brasileiro, dos movimentos sociais de base fascista que apoiavam Jair Bolsonaro.

O autor complementa a reflexão elucidando os aspectos políticos na ação estética:

“Por política, portanto, compreendemos desde a enunciação *objetiva* das condições sociais vividas até a tradução (*inter*)*subjetiva* de um discurso que articula denúncias e anúncios. Musicalmente falando, trata-se da *crônica social* (objetiva) e da *canção de protesto* (intersubjetiva), como os pólos dessa interpretação.” (PAZELLO, 2022, p. 27)

Portanto, ao falarmos de agitação e propaganda no Brasil, ao falarmos de batalha de ideias, termo cunhado por Fidel Castro (COLETIVOS DE COMUNICAÇÃO, CULTURA E JUVENTUDE DA VIA CAMPESINA, 2007), é preciso necessariamente considerar o modo como o escravismo colonial e o capitalismo se estruturaram na sociedade brasileira, bem como os povos oprimidos e explorados daqui se organizaram, nomeando e reconhecendo o legado de luta do que se transformou essa protocélula étnica chamada povo brasileiro. É como parte dessa história que a Brigada existiu e este estudo é uma contribuição para registro dessa memória e de seu legado para a nossa luta popular.

8. REFERÊNCIAS

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Outra civilização brasileira, 1991.

BOITO JR., Armando. **As dificuldades da luta popular diante do fascismo**. Brasil de Fato: São Paulo. Abril de 2019. Disponível em:

<https://www.brasildefato.com.br/2019/04/12/artigo-or-as-dificuldades-da-luta-popular-diante-do-fascismo-por-armando-boito-jr>. Acesso em: 1 de junho de 2023

BRAZ, Marcelo (org.). **Samba, cultura e sociedade**. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

CARREIRA, André Luiz Antunes Netto. **Teatro de rua: mito e criação no Brasil**. São Paulo: Revista Nupeart, 2006.

CAVALCANTE, S. **Classe média e conservadorismo liberal**. In: Velasco E Cruz, S.; Kaysel, A.; Cogas, G. Direita, volver!: o retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015. p. 177-196

COLETIVOS DE COMUNICAÇÃO, CULTURA E JUVENTUDE DA VIA CAMPESINA. **Cartilha “Agitação e Propaganda no processo de transformação social”**. São Paulo, junho de 2007.

FERNANDES, Florestan. **A revolução burguesa no Brasil**. São Paulo: Globo, 2005.

GARCIA, Silvana. **Teatro da militância**. São Paulo: Perspectiva/Edusp, 1990.

JAUMONT, Jhonatan; VARELLA, Renata Versiani. **A Pesquisa Militante na América Latina: trajetórias, caminhos e possibilidades**. Revista Direito & Práxis: Rio de Janeiro. Vol 07, 2016.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo – diário de uma favelada**. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

KEIL, Ana Carolina. **Diário de Campo: Brigada de Agitação e Propaganda Carlos Marighella**. Curitiba, 2022.

KONDER, Leandro. **O marxismo na batalha das ideias**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984.

KORYBKO, Andrew. **Guerras híbridas: das revoluções coloridas aos golpes**. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

LENIN, Vladimir Ilyich. **Que Fazer?** São Paulo: Hucitec, 1978.

LIMA, Déborah Maria da Cunha. **Práticas Políticas do Levante Popular da Juventude: um estudo etnográfico no grupo de Campina Grande/PB**. Universidade Federal de Campina Grande, 2017.

MAGALHÃES, Mario. **Marighella: o guerrilheiro que incendiou o mundo**. Companhia das Letras: São Paulo, 2012.

MARX, K. **O capital: crítica da economia política: Livro I; tradução de Reginaldo Santana**, 18 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

PAGOTTO, Ronaldo (coord.). **A crise brasileira e o projeto popular para o Brasil**. São Paulo: Expressão Popular, 2022.

PAZELLO, Ricardo Prestes. **Bloco de Samba Boca Negra: resgate da memória, continuidade da história.** Brasil de Fato Paraná: Curitiba, 2023. Disponível em: <https://www.brasildefatopr.com.br/2023/02/25/bloco-de-samba-boca-negra-resgate-da-memoria-continuidade-da-historia#whatsapp>. Acesso em: 31 de maio de 2023.

PEIXOTO, Fernando. **O melhor teatro do CPC da UNE.** São Paulo: Global, 1989.

PENIDO, A. STÉDILE, M. E. **Ninguém Regula a América: guerras híbridas e intervenções estadunidenses na América Latina.** São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo: Expressão Popular, 2021.

RIBERO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ROSA, Diego; MANOLO; ASSIS, Julio; NEGA, Beto; PISO, Leo do; VELLOSO, J. **Empretecendo o pensamento é ouvir a voz da Beija-Flor.** Rio de Janeiro: G.R.E.S. Beija-Flor de Nilópolis, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Q-WVnSoJuk&t=2s>. Acesso em: 29 de maio de 2023.

SCHIAVON, Carolina Rieger Massetti; BRAGHINI, Katya. **Os irmãos Koch miram a América Latina.** Brasil de Fato, 26/08/2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/08/26/artigo-os-irmaos-koch-miram-a-america-latina>. Acesso em: 04 jan

SENRA, Ricardo. **Na semana do impeachment, 3 das 5 notícias mais compartilhadas no Facebook são falsas.** Terra, 17 abr. 2016. Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/brasil/politica/impeachment/na-semana-do-impeachment-3-das-5-noticias-mais-compartilhadas-no-facebook-sao-falsas,285e84ed368d55df5b5f3e347e860f71stgq9ccn.html>. Acesso em: 20 maio de 2023.

SILVA, J. J. BITTENCOURT, N. A. PAZELLO, R. P. *et. al.* **Música e Política: subsídios para um debate popular.** Curitiba: Kotter Editorial, 2022.

SOUZA, Ana Inês. **CEFURIA: 25 anos fazendo história popular.** Curitiba: Gráfica Popular/CEFURIA, 2006.

STÉDILE, João Pedro; FERNANDES, Bernardo Mançano. **Brava gente: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil.** 3 reimp. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

TAVARES, Thea. **Acampamento Nova Esperança ocupa área abandonada há 12 anos.** Coletivo Terra Sem Males. Brasil de Fato: Curitiba, 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/10/19/artigo-acampamento-nova-esperanca-ocupa-area-abandona-ha-12-anos>. Acesso em: 19 de maio de 2023.

VIANNA, Hermano. **O mistério do samba.** 5. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; Ed. UFRJ, 1995.

VIANNA, Hermano. **O mundo funk carioca.** Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1997.